

## CONTRIBUIÇÕES DA NEUROPSICOPEDAGOGIA PARA A FORMAÇÃO DOCENTE: UM OLHAR PARA AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO

Edson Vieira da Silva <sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho apresenta contribuições da Neuropsicopedagogia para a formação docente na perspectiva das dificuldades de aprendizagem na alfabetização. Este assunto é muito relevante, haja vista que a Neuropsicopedagogia vem conquistado mais reconhecimento, surgindo como uma nova área do conhecimento e pesquisa na atuação interdisciplinar, abordando conhecimentos neurocientíficos, com foco nos processos de ensino-aprendizagem, e neste estudo, foi delimitada a formação docente para tratar alunos com déficit de atenção. O objetivo geral deste artigo foi demonstrar conceitos sobre a Neuropsicopedagogia, e como a formação docente poderá ajudar alunos com dificuldades de aprendizagem. Como metodologia para este trabalho, foi utilizada a revisão de literatura, se baseando em publicações científicas em periódicos, livros, dentre outros. Como resultado, foi demonstrado que sobre papel do Neuropsicopedagogia, vale salientar que essa área deverá atuar como uma facilitadora, identificando, diagnosticando e intervindo na solução da dificuldade de aprendizagem encontrada na criança, auxiliando os docentes a trabalharem com a mesma, de forma que obtenham êxito em seu processo de alfabetização.

**Palavras-chave:** Alfabetização, Formação docente, Neuropsicopedagogia.

### INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresentaram-se contribuições da Neuropsicopedagogia para a formação docente na perspectiva das dificuldades de aprendizagem na alfabetização. Utiliza-se de pesquisa bibliográfica para abordar o assunto, que é muito relevante, haja vista que a Neuropsicopedagogia vem conquistado mais reconhecimento, surgindo como uma nova área do conhecimento e pesquisa na atuação interdisciplinar, abordando conhecimentos neurocientíficos, com foco nos processos de ensino aprendizagem, e neste estudo, foi delimitada a formação docente para tratar alunos com déficit de atenção.

Este estudo se justificou em demonstrar que a Neuropsicopedagogia pode ser uma aliada da educação, para ajudar os alunos que possuem algum tipo de déficit de atenção, pois os psicopedagogos, juntamente com os professores, podem estudar e analisar o processo de aprendizagem e as suas dificuldades, e suas ações devem englobar variados campos do

---

<sup>1</sup> Mestrando em Educação pela Universidad de la Empresa – Uruguai, [edsonvieira74@outlook.com](mailto:edsonvieira74@outlook.com)

conhecimento, sintetizando-os e integrando-os, a atuarão juntos a estes alunos, escola, professores e família.

Sendo assim, ficou destacado o seguinte problema de pesquisa: Quais são as contribuições da Neuropsicopedagogia para a formação docente, com foco nas dificuldades de aprendizagem na alfabetização?

O objetivo geral deste artigo foi demonstrar conceitos sobre a Neuropsicopedagogia, e como a formação docente poderá ajudar alunos com dificuldades de aprendizagem. Como objetivos específicos, este estudo apresentou: Demonstrar a história e conceitos sobre Neuropsicopedagogia; narrar a Neuropsicopedagogia e sua ligação com a formação docente; tratar das dificuldades de aprendizagem na alfabetização e expor a intervenção da Neuropsicopedagogia nos transtornos de aprendizagem.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa apresenta uma abordagem com características qualitativas. Conforme Gil (2017), esse tipo de abordagem permite ao pesquisador interpretar a realidade a partir de um problema de pesquisa situado em determinado contexto. Este artigo, então, apresenta ideias oriundas das relações estabelecidas entre o pensamento de diferentes autores.

Os objetivos propostos possuem características exploratórias. Para Gil (2017), pesquisas exploratórias permitem a aproximação do autor em relação ao tema, a fim de ampliar conhecimentos sobre um assunto ainda pouco familiar. Trata-se de um estudo que poderá contribuir para novas investigações na medida em que favorece o esclarecimento sobre conceitos e ideias.

Em relação aos procedimentos para coleta de dados, esta pesquisa pode ser classificada como bibliográfica. Gil (2017) esclarece que estudos bibliográficos baseiam-se em revisão de literatura a partir de publicações científicas. Utilizaram-se, então, livros considerados essenciais à compreensão do tema abordado.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Segundo Sampaio (2016), a Neuropsicopedagogia vem conquistado mais espaço no território brasileiro e surgiu como uma nova área do conhecimento e pesquisa na atuação interdisciplinar, abordando conhecimentos neurocientíficos, com foco nos processos de ensino aprendizagem. Também está focada em atividades que avaliam e intervêm nos processos de

aprendizagem, no intuito de obter mais informações das ciências que possam contribuir para uma melhor forma de entendimento, com mais detalhes, da aprendizagem dos indivíduos.

Portanto, a Neuropsicopedagogia agregará alguns conhecimentos de áreas da neurociência, da psicologia e da pedagogia, realizando um trabalho de prevenção, avaliando e auxiliando nos processos didático-metodológicos e nas dinâmicas institucionais, visando melhorias no processo de ensino-aprendizagem (SAMPAIO, 2016).

Relvas (2011) afirma que a Neuropsicopedagogia tem como princípio básico a compreensão do papel do cérebro humano em relação aos processos neurocognitivos, e na aplicação de algumas estratégias pedagógicas em distintos espaços da escola, e sua eficiência científica pode ser comprovada pela literatura, pois apresenta uma potencialização do processo de aprendizagem.

Sampaio (2016) reflete que a Neuropsicopedagogia se apresenta, portanto, um campo novo de conhecimento que através dos conhecimentos neurocientíficos, alinhados aos conhecimentos da pedagogia e da psicologia, para contribuir para os processos de ensino-aprendizagem de cidadãos que apresentem certas dificuldades de aprendizagem.

Sobre a Neurociência, a neuropedagogia e o papel do neuropedagogo. Pode-se conceituar algumas delas:

**Neurociência:** Para Sampaio (2016), trata-se da investigação sobre o sistema nervoso. Como ele se desenvolve, funciona ou se distingue entre indivíduos e as espécies. A neurociência poderá revelar como o cérebro produz determinado comportamento. Por exemplo, o por quê se uma criança obedece ou não, por que o ser humano tem emoções, como as crianças se desenvolvem, dentre outros questionamentos.

Sampaio (2016) ainda reforça que, os conhecimentos advindos da neurociência serviram de base para a funcionalidade cerebral do ser indivíduos e também para o desenvolvimento de sua capacidade cognitiva. Assim, fica expresso que um grande desafio do século XXI seria desvendar alguns enigmas cerebrais na esfera emocional e também cognitiva dos indivíduos.

**Neuropedagogia:** Segundo Acampora (2020), essa palavra surgiu em meados do ano 2000, e descrevia um paradigma de aprendizagem que pudesse levar em conta todas as últimas descobertas da área da neurociência, afim de utilizar estes novos conhecimentos na área da gestão do processo escolar.

Acampora (2020) dizem que a Neuropedagogia procura entender como o cérebro humano aprende e como guarda este aprendizado, e também compreender o cérebro como um propulsor do aprendizado, no âmbito escolar, considerando os métodos que poderão interferir,

de forma mais eficaz, no aprender.

A neuropedagogia atua no campo da educação desenvolvendo ferramentas dispositivos holográficos capazes de corrigir as dificuldades de aprendizagem escolar oferecer instrumentos de inclusão social capazes de extrair o máximo potencial capacidade funcional de cada indivíduo transformando-a em todas as capacidades independentemente de sua origem social, a qualidade da educação escolar para a qual é um tópico ou grau de desenvolvimento pessoal (MIOTTO; LUCIA; SCAFF, 2017).

Portanto, em vez de eliminar as dificuldades de aprendizagem, a neuropedagogia também ajuda jovens e adultos a modificar suas estruturas, limitar funcionalidades, melhorar suas operações de matriz de inteligência, permitindo a expressão máxima de seu potencial: gênio pessoal. Segundo Cosenza e Guerra (2011) apostar nos estudos da neurociência pedagógica é uma evolução segura e crescente, pois vincula o educador com ideias, comportamentos e pensamentos complexos, e pode levar o aluno à noção de sujeito do processo de aquisição e produção de conhecimento.

A neurociência pedagógica é um ramo da ciência que torna o cognitivo o cérebro humano, adaptando o funcionamento do cérebro para entender melhor como recebe, transforma, seleciona, arquiva, memoriza, processa e elabora as sensações que são captadas pelos diferentes elementos sensoriais, para que a partir desse entendimento, seja possível possa adequar as metodologias e técnicas educacionais para as crianças, e especialmente aquelas com características cognitivas emocionais diferenciadas (ROTTA; FILHO; BRIDI, 2018).

A Neuropedagogia, afirmam Cosenza e Guerra (2011), dentre suas várias funções, fazem estudar, frequentar a escola, ler, finalmente aprender, interessante, agradável e fácil, as pessoas têm trabalhado com essa ciência tanto para eliminar as dificuldades de aprendizagem quanto para expandir conhecimento específico, é uma ferramenta moderna e eficiente na construção e transformação do aluno.

A união entre neurociência e pedagogia é levando a estratégias educacionais inovadoras, plasticidade cerebral, a aquisição da linguagem e a formação da mente simbólica, são analisadas em profundidade, é um vasto e fascinante universo de potenciais que cada de nós tem nossos cérebros (MIOTTO; LUCIA; SCAFF, 2017).

O cérebro muda gradualmente fisiológica e estruturalmente como resultado de experiência, aprendizado, memória e emoções estão interligados quando ativado pelo processo de aprendizagem. Entre as formas e oportunidades em que o cérebro muda, desenvolve sua estrutura para atender aos novos requisitos de desempenho, um dos quais está em aprender. Essas modificações também são amplamente estudadas pela

neurociência sob vários aspectos considerados como “plasticidade cerebral” (ROTTA; FILHO; BRIDI, 2018). A característica plástica de uma estrutura pode ser definida usando o ponto iniciando a possibilidade de alteração estrutural, adaptabilidade à nova morfologia ou funcionalidade ou capacidade de transformação.

Miotto, Lucia e Scaff (2017) recordam que no passado presumia-se que o tecido cerebral não tinha capacidade regenerativa e que o cérebro foi geneticamente definido, no entanto, como explicar o fato de que pacientes com lesões graves, obtêm com a ajuda de terapias e estímulos, o recuperação da função cerebral, a ciência tem mostrado através de pesquisas que com o aumento do conhecimento sobre o sistema cerebral e que sendo mais flexível e flexível do que se imaginava ao mudar sob o efeito da experiência percepções, ações e comportamento. O avanço dos neurocientistas na descoberta sobre a plasticidade do cérebro oferece uma nova visão sobre como o processo de aprendizagem e aquisição de novas habilidades é realizado

O termo aprendizagem não se refere apenas ao que acontece entre as paredes da sala de aula, do ponto de vista da neurociência, é entender que cada um de nós único em sua totalidade e ao mesmo tempo peculiar no quadro de suas capacidades e atributos que suas inteligências múltiplas podem trazer para eles (ROTTA; FILHO; BRIDI, 2018). É principalmente uma mudança de comportamento e visão, sob os olhos da neurociência, é o movimento dos neurônios que se interconectam criando conexões, trajetórias e redes de circuitos que são reforçados e sustentados por repetição e necessidade de uso e, sobretudo, a busca incessante por uma exploração dentro sim mesmo, do meio ambiente e do mundo externo

A criança não pode ser tratada da mesma forma, o tratamento das diferenças melhora o ensino, e oferece qualidade na aplicação do método, não é preferência ou privilégio, esforços devem ser feitos para qualificar o trabalho pedagógico e conseqüentemente a melhoria do padrão de ensino, sabendo que todos têm diferenças essenciais e que as desempenham de forma eficiente, demonstra concorrência e habilidade consolidando o trabalho escolar (ROTTA; FILHO; BRIDI, 2018).

Assim, conhecendo a anatomia e fisiologia da aprendizagem, pode-se refinar os conceitos equivocados e preconceitos de que a criança está sempre errada, incompetente ou mesmo preguiçoso, é preciso associar o processo de aprendizagem e desenvolvimento humano para o funcionamento do cérebro e sua plasticidade (MIOTTO; LUCIA; SCAFF, 2017).

Sobre os processos neurológicos, Miotto (2017) reflete que a neuropedagogia e complexidade cerebral na sala de aula, poderá garantir que a informação seja transformada em aprendizagem, e as aulas possam ser enquadradas pela emoção e conhecimento. A

neuropedagogia na educação passa por uma visão neurocientífica do processo para ensinar e aprender. Contribui para a identificação de uma análise biopsicológica e comportamento do aluno por meio de estudos de anatomia e fisiologia no Sistema Nervoso Central. Explicar, modelar e descrever os mecanismos neurais que apoie os atos perceptuais, cognitivos, motores, afetivos e emocionais de aprendizagem.

Deste ponto de vista educacional, conhecer o processo de aprendizagem tornou-se um novo desafio para os professores, e o ambiente dessa especificidade é a sala de aula. Este lugar precisa ser reconfigurado para que possa promover maior convergência entre ciência, aprendizagem, ensino e educação. O professor, ao estabelecer estratégias de ensino em relação aos seus conteúdos em seus planos, deve ter em mente que suas aulas constituem uma biologia do cérebro, como desenvolvimento cognitivo (COSENZA; GUERRA, 2011).

É necessário que o professor percebe que, neurofisiologicamente, os alunos têm os sentidos biológicos altamente estimulados e, portanto, há um movimento de conexões nervosas que nunca param (MIOTTO; LUCIA; SCAFF, 2017). O atual aprendizado é o sujeito do cérebro. Este novo conceito surgiu com descobertas da neurociência nas últimas décadas. O cérebro está girando mais do que um simples órgão, e sim um ator social que responde cada vez mais por tudo que costumava ser atribuído ao indivíduo.

O ser humano tornou-se um "sujeito cerebral", quem discute, questiona e tem autonomia na aprendizagem: o papel do professor é provocar desafios, promover ações reflexivas e permitir o diálogo entre emoções e afetos em um corpo orgânico e mental, que é a cena dessas reações (MIOTTO; LUCIA; SCAFF, 2017). Para garantir que a informação seja transformada em aprendizagem, as aulas devem ser moldadas pela emoção, pois quando têm sentido para a vida e vem o caminho da emoção, eles nunca serão esquecidos. Quando o estímulo já é conhecido pelo sistema nervoso central, desencadeia uma memória, e quando o estímulo é novo, causa uma mudança.

Então fica mais fácil compreender a aprendizagem de um ponto de vista neurocientífico. É por isso, atualmente, toda a questão da aprendizagem torna-se inesgotável, porque se houver várias formas de aprendizagem através de circuitos neurais, existem diferentes formas de aprendizagem. Tendo em vista a criação e elaboração do pensamento, é necessário combinar conhecimento cognitivo e emocional (ROTTA; FILHO; BRIDI, 2018). Para isso, o cérebro deve estar pronto para executar novas conexões.

Sobre os avanços e descobertas na área das neurociências ligadas ao processo de aprendizagem é, sem dúvida, uma revolução para o ambiente educacional. Quando fala-se de educação e aprendizagem, está se falando de processos, redes neurais, redes estabelecidas e



neurônios que se conectam e fazem novas percepções, que é entendido como aprendizagem (COSENZA; GUERRA, 2011).

Aprender é um complexo processo de que o cérebro reage a estímulos ambientais, ativa essas conexões entre os neurônios por onde passam os estímulo, tornando-os mais intensos. A cada novo estímulo, a cada repetição de um comportamento que processam as informações, que devem ser então consolidado. A neurociência revela o que não sabíamos sobre o momento anterior. O cérebro é um órgão misterioso, é uma matriz neste processo de aprendizado. Suas regiões, lobos, sulcos, reentrâncias têm sua função (MIOTTO; LUCIA; SCAFF, 2017).

Assim, o grande desafio dos educadores é viabilizar uma aula para facilitar o funcionamento desses sistemas, sem a professora necessariamente ter que saber se a melhor forma dela. O aluno que lida com objetos externos é auditivo, visual ou tátil. Quando se conhece a modalidade de aprendizagem de um aluno, o professor saberá quais estratégias mais apropriado para usar e certamente fará uso deste grande e incomparável meio facilitador no processo ensino-aprendizagem (COSENZA; GUERRA, 2011).

Outra grande descoberta da neurociência é que por meio de atividades divertidas desafiar o "disparo" entre as células neuronais ocorre mais facilmente: as conexões são fortalecidas e as redes neurais são estabelecidas mais facilmente.

As dificuldades de aprendizagem na escola podem ser consideradas uma das causas que podem levar os alunos ao fracasso escolar. Não podemos ignorar que o fracasso do aluno também pode ser entendido como um fracasso da escola por não saber lidar com a diversidade de seus alunos. O professor deve estar atento às diferentes formas de ensino, pois existem muitas formas de aprender (CORRÊA, 2010).

O professor deve estar ciente da importância de criar vínculos com seus alunos por meio do cotidiano, sempre construindo e reconstruindo vínculos novos, mais fortes e positivos. A criança, percebendo que tem dificuldades de aprendizagem, muitas vezes começa demonstrando desinteresse, desatenção, irresponsabilidade, agressividade, etc (HUDSON, 2019). O professor também é responsável pelo fracasso do aluno no processo de alfabetização. Consideram-se que os alunos das classes mais baixas são geralmente indisciplinados, sem gosto pela leitura e sem educação em casa. Portanto, a estrutura familiar podem ser uma possível causa do fracasso de aprendizagem de um aluno.

No entanto, existem lacunas na formação profissional dos professores, que se refletem na sua prática pedagógica. Nesse sentido, se adotam metodologias inadequadas que não priorizam o desenvolvimento de alunos com diferentes níveis de dificuldade de aprendizagem.

A escola, muitas vezes, não se preocupa com a formação de professores (CORRÊA, 2010). Acredita-se que ensinar nas séries iniciais é prático. E com isso, não fornecem aos professores informações e ferramentas que permitam aos alunos um ensino estimulante e agradável.

O processo de aprendizagem requer uma integração entre cognição, afetividade e ação e, nos alunos que não apresentam dificuldades, essa integração flui, permitindo a aprendizagem. Porém, para quem por algum motivo tem dificuldades, essa integração parece ser dificultada, desorganizada, o que gera muita tensão nas situações de aprendizagem. Na aprendizagem escolar, existem os elementos centrais para que o desenvolvimento ocorra com sucesso: o aluno, o professor e a situação de aprendizagem (SAMPAIO, 2014).

O aluno que vivencia dificuldades no processo de alfabetização pode ter diferentes motivos. Em alguns casos, o problema começa na própria casa, onde o conflito entre os pais ou a falta de incentivo acaba desestimulando o interesse pela educação. Além disso, a criança pode apresentar indícios de dificuldade para estudar, mas não são captados pelo educador ou familiar, o que acaba diminuindo as chances de progresso (SAMPAIO, 2014).

Para Corrêa (2010), crianças com dificuldades de aprendizagem não devem ser “classificadas” como deficientes. Ela é uma criança normal que aprende de forma diferente, o que apresenta uma discrepância entre o potencial atual e o potencial esperado. Quanto aos professores, muitos deles ingressam na vida acadêmica sem preparação ou experiência. Isso significa que eles não conseguem transmitir seus conhecimentos ou não percebem que seus alunos estão passando por dificuldades. Além disso, quando se trata da rede pública, muitas vezes as metodologias de ensino são alteradas, dificultando o ensino e a segurança que o professor tem sobre seu trabalho.

Outro fator que pode influenciar a aprendizagem do aluno são as condições em que uma instituição de ensino se encontra. Algumas escolas possuem estruturas precárias, carecem de segurança e materiais, condições sanitárias inviáveis e estão localizadas em área de difícil acesso (HUDSON, 2019). Em meio a tantos problemas relacionados à dificuldade de aprendizagem do aluno na alfabetização, é necessário que o professor encontre caminhos para a integração aluno-família-escola e a busca de novos métodos e metodologias que estimulem o aluno no processo de aprendizagem

Sobre métodos e metodologias utilizadas como fatores facilitadores de aprendizagem, Sampaio (2014) diz que é normal que os professores sigam a brochura para ensinar seus alunos, mas isso não é suficiente. É preciso pensar nos métodos e metodologias que se utilizam em sala de aula e, além disso, é preciso utilizar um método pouco utilizado pelos professores, a criatividade, é nela que o professor pode aguçar a curiosidade e autonomia das crianças. ,



porque trazem uma sacola de conhecimentos vividos em casa, necessitando de estímulos para explorá-los. Nesse momento, o professor deve atuar junto com a escola, com pedagogos e psicopedagogos para trabalhar o ensino de forma diversificada a partir da história de cada aluno, relacionando o conteúdo escolar com os aspectos sociais de cada criança.

Sobre a atuação dos psicopedagogos nos distúrbios da aprendizagem, Chamat (2004) diz que o trabalho deles implicará na compreensão da real situação de aprendizagem dos sujeitos dentro de seu contexto próprio. Essa compreensão irá requerer uma modalidade particular da atuação para essa situação em estudo, o que significará que não há procedimentos já pré-determinados.

Miotto, Lucia e Scaff (2017) refletem que a Psicopedagogia estudará o ato de aprender e ensinar, considerando as realidades externas e internas da aprendizagem, avaliadas em conjunto. Também visa estudar a construção dos conhecimentos em todas as suas complexidades, analisados a igualdade dos aspectos cognitivos, sociais e afetivos que lhe são implícitos.

Já Corrêa (2010) diz que os psicopedagogos estudam o processo de aprendizagem e as suas dificuldades, e suas ações devem englobar variados campos do conhecimento, sintetizando-os e integrando-os. Esse campo de atuação dos psicopedagogos refere-se também ao espaço físico onde serão feitos os trabalhos, além dos espaços epistemológicos que lhe cabem, ou seja, os lugares deste campo de atividade e as formas de abordar o seu objeto.

Chamat (2004) reforça que o diagnóstico precoce do transtorno de aprendizagem é um ponto fundamental para uma superação das possíveis dificuldades escolares. O psicopedagogo tem a função de orientar os educadores e pais sobre a melhor forma de lidar com a criança, direciona a elaboração de programas de reforço escolar e a adoção de estratégias clínicas e/ou educacionais que auxiliam a criança no desenvolvimento escolar.

Pelo exposto acima, para os psicopedagogos, aprender se trata de um processo que implicará colocar em ação, os diferentes sistemas que podem intervir no sujeito, como por exemplo sua rede de relações e os códigos culturais e da linguagem que têm lugar em todo ser humano, desde o seu nascimento, e à medida que ele incorpora-se à sociedade (MIOTTO; LUCIA; SCAFF, 2017).

Pode-se observar que, a atuação do psicopedagogo busca ter, uma visão integrada e integradora da aprendizagem humana, considerando seus padrões evolutivos normais e patológicos, bem como as influências do meio social (família, escola e sociedade), determinantes do seu desenvolvimento. Em qualquer sala de aula existem alunos que, por diferentes motivos, não acompanham seus pares, independente do nível de complexidade dos

conteúdos ou da metodologia utilizada naquele contexto específico (MIOTTO; LUCIA; SCAFF, 2017).

É possível considerar que os problemas de aprendizagem poderão ser gerados por causas externas ou internas às estruturas familiares ou individual, mesmo que sobrepostas. Os problemas que são decorrentes de causas externas são problemas de aprendizagem chamados de “reativos”, e as causas são internas recebem o nome de “inibição” ou “sintoma”, termos vistos na Psicanálise (CHAMAT, 2004).

Segundo Miotto, Lucia e Scaff (2017), quando se atua nas causas externas, o trabalho é considerado preventivo. Já na intervenção em problemas ligados à estrutura individual ou familiar da criança, o trabalho é considerado terapêutico. Para resolver os problemas de aprendizagem reativa, será necessário recorrer a alguns planos de prevenção em ambientes escolares, caso seja gerado um possível fracasso, os psicopedagogos deverão intervir, ajudando com as melhores indicações para que o fracasso dos ensinantes, não se constituam em sintomas neuróticos.

Na visão de Corrêa (2010), para resolver este problema ligado ao fracasso escolar, quando tem as suas causas ligadas à estrutura individual e também familiar das crianças, será requerida uma maior intervenção psicopedagógica, de forma especializada. Para resolver essa problemática, deve-se utilizar um tratamento psicopedagógico clínico que possa buscar libertar a inteligência, mobilizando uma melhor circulação patológica dos conhecimentos, no seu grupo familiar.

Nessa perspectiva, Chamat (2004) afirma que a prática psicopedagógica deve considerar o sujeito como um ser global, composto pelos aspectos orgânico, cognitivo, afetivo, social e pedagógico. O aspecto orgânico diz respeito à construção biológica do sujeito, portanto, a dificuldade de aprender de causa orgânica estaria relacionada ao corpo. O aspecto cognitivo está relacionado ao funcionamento das estruturas cognitivas.

Analisado este caso, percebe-se que os diversos problemas de aprendizagem podem residir nas estruturas do pensamento dos sujeitos. Um aspecto afetivo está ligado à afetividade do sujeito, e d sua relação com o ato de aprender, e com um desejo de aprender, já que o indivíduo poderá não conseguir estabelecer esse vínculo positivo com os processos de aprendizagem (SAMPAIO, 2014).

Miotto, Lucia e Scaff (2017) dizem que a dificuldade de aprendizagem seria o não-funcionamento ou insatisfatório de um destes aspectos que foram apresentados, ou uma relação inadequada que possa existir entre eles. Portanto, a escola, seria a principal responsável pelas crianças encaminhadas aos consultórios, em função dos problemas de aprendizagem. É,

portanto, muito importante que a Psicopedagogia propicie sua contribuição com a escola, no sentido de promover essa aprendizagem ou de tratar dos diversos distúrbios vistos nesse processo.

O Psicopedagogo é um profissional que tem muito a ensinar sobre o vínculo professor/aluno, professor/escola e sua incidência na construção dos conhecimentos e nas constituições subjetivas dos alunos e dos educadores. A Psicopedagogia atualmente, irá trabalhar com algumas concepções de aprendizagem, e segundo Sampaio (2014), vê-se um processo de equipamentos biológicos, com disposições afetivas e também intelectuais que irão interferir na forma de relação já existente entre o sujeito com o meio. Tais disposições poderão influenciar ou ser influenciadas pelas várias condições socioculturais dos sujeitos com o seu meio (MIOTTO; LUCIA; SCAFF, 2017).

Por tudo isso, os psicopedagogos devem ser profissionais que possuam conhecimentos multidisciplinares, já que a sua atuação se trata de um processo de avaliação diagnóstica, sendo, portanto, necessário que eles estabeleçam e interpretam dados em diversas áreas (CHAMAT, 2004). O conhecimento dessas áreas poderá fazer com que estes profissionais compreendam os quadros diagnósticos do aprendente e assim haverá um favorecimento da escolha das melhores metodologias adequadas.

Por fim, torna-se necessário explicar que o Psicopedagogo é conhecido como aquele profissional que atenderá crianças com dificuldades de aprendizagem. Essas dificuldades, patologias ou distúrbios poderão aparecer no decorrer da vida e, portanto, a atuação do Psicopedagogo não fará distinção de idade ou de sexo (SAMPAIO, 2014). Atualmente, o profissional da área de Psicopedagogia vem crescendo no mercado do trabalho, estabelecendo-se como uma profissão cada vez mais valorizada.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com este artigo, ficou evidenciado que as atividades elaboradas para crianças com déficit de atenção ou hiperativas devem ser textos mais curtos e atividades mais simplificadas, para que a criança possa concluí-las. O elogio também deve ser constante, já que estas crianças precisam ter sua autoestima elevada. Adotar atitudes positivas, como por exemplo elogios e recompensas para comportamentos adequados, já que alunos com TDAH (*déficit* de atenção) têm a sua atenção voltada para o que geralmente fazem de errado, e assim, pode-se reforçar positivamente suas ações corretas fazem certo.

Portanto, ficou exposto que a área de conhecimento multidisciplinar do profissional Psicopedagogo busca compreender como ocorrem os processos de aprendizagem, para entender as dificuldades situadas nestes movimentos. Dessa forma, estes profissionais deverão fazer uso da integração e uma síntese de diversas áreas do conhecimento, com a Psicanálise, Psicologia, Pedagogia, Neurologia, dentre outros.

Com relação ao papel do Neuropsicopedagogia, vale salientar que essa área deverá atuar como uma facilitadora, identificando, diagnosticando e intervindo na solução da dificuldade de aprendizagem encontrada na criança, auxiliando os docentes a trabalharem com a mesma, de forma que obtenham êxito em seu processo de alfabetização.

## REFERÊNCIAS

ACAMPORA, B. **Neuroeducação e Neuropsicopedagogia: transtornos e casos clínicos**. Rio de Janeiro: Wak, 2020.

CHAMAT, L. S. J. **Técnicas de intervenção psicopedagógica: Para dificuldades e problemas de aprendizagem**. 1ed. São Paulo: Vetor, 2004.

CORRÊA, A. C. O. **Memória, aprendizagem e esquecimento: a memória através das neurociências cognitivas**. Rio de Janeiro: Atheneu, 2010.

COSENZA, R. M; GUERRA, L. B. **Neurociência e educação: como o cérebro aprende**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

HUDSON, D. **Dificuldades específicas de aprendizagem: ideias práticas para trabalhar com: dislexia, discalculia, disgrafia, dispraxia, TDAH, TEA, Síndrome de Asperger e TOC**. Petrópolis: Vozes, 2019.

MIOTTO, E. C.; LUCIA, M. C.; SCAFF, M. **Neuropsicologia clínica**. São Paulo: Roca, 2017.

RELVAS, M. P. **Neurociência e transtornos de aprendizagem**. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

ROTTA, N. T.; FILHO, C. A. N. B.; BRIDI, F. R. S. **Plasticidade cerebral e aprendizagem: abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2018.

SAMPAIO, S. **Neuropsicopedagogia e aprendizagem**. Rio de Janeiro: Wak, 2016.

\_\_\_\_\_. **Transtornos e dificuldades de aprendizagem: entendendo melhor os alunos com necessidades educativas especiais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2014.